



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

KARLA REGINA DE SOUZA

**REFLEXÕES SOBRE O DESENHO DAS CRIANÇAS PEQUENAS, A
PARTIR DO ESTÁGIO NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Florianópolis
Julho de 2015

KARLA REGINA DE SOUZA

**REFLEXÕES SOBRE O DESENHO DAS CRIANÇAS PEQUENAS, A
PARTIR DO ESTÁGIO NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Monografia apresentada à Universidade Federal de Santa Catarina, como um dos pré-requisitos para obtenção do Grau de Licenciatura em Pedagogia.
Orientadora: Gilka Elvira Ponzi Girardello (UFSC).

Florianópolis

2015

Karla Regina de Souza

REFLEXÕES SOBRE O DESENHO DAS CRIANÇAS PEQUENAS, A PARTIR DO
ESTÁGIO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Este trabalho de Conclusão de Curso – TCC apresentado ao curso de Pedagogia como pré-requisito para obtenção da licenciatura em Pedagogia foi julgado adequado para obtenção do Título de Licenciatura em Pedagogia, e aprovado em sua forma final.

Florianópolis, ____ de Julho 2015.

Banca Examinadora:

Prof^ª. Dra. Gilka P, Girardello. (Orientadora)
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof^ª. Dra. Kátia Adair Agostinho
Universidade Federal de Santa Catarina

Dra. Márcia Buss-Simão
Universidade do Sul de Santa Catarina

Prof^ª. Dra. Alessandra Mara Rotta de Oliveira (Suplente)
Universidade Federal de Santa Catarina

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus por ter me dado saúde e força para concluir todo esse processo, e assim, estar realizando meu sonho de me formar no Curso de Pedagogia.

Aos meus pais e minha família, por me apoiarem em todos os momentos, pela paciência e alegria de compartilhar comigo esta realização.

As minhas amigas, em especial Fernanda Andrade dos Santos, por estar caminhando comigo nesses quatro anos e meio, de obstáculos, tristezas, alegrias e vitórias.

A Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), seu corpo docente, direção e administração que oportunizaram este curso.

À professora Dra. Gilka Girardello, pelo apoio, pela paciência, pela compreensão e carinho dados a mim ao longo deste curso e especialmente a este momento.

Agradeço a todos que contribuíram para este sonho se tornar realidade.

Muito obrigada!

A arte só nos liberta se for nossa, e a missão que certos artistas se atribuem é atrair nossa criatividade, não tanto oferecendo-nos um modelo a imitar, como o mestre ao discípulo, mas dando-nos o exemplo de uma liberdade a viver.

Mikel Dufrenne

SOUZA, Karla Regina de. **Reflexões Sobre o Desenho das Crianças Pequenas, a partir do Estágio na Educação Infantil.** 33f. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Pedagogia. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2015.

RESUMO

Este trabalho, em nível de Conclusão de Curso, com foco no desenho infantil, foi desenvolvido a partir de uma experiência no estágio obrigatório em Educação Infantil do Curso de Pedagogia da UFSC, realizado em 2014. A pesquisa procurou refletir sobre a importância do desenho na vida das crianças pequenas, de modo a complementar e enriquecer a formação obtida ao longo da graduação. Como fundamentação teórica são feitas referências a autores tanto da Educação Infantil - Kramer (2007) e Sarmiento (2005), entre outros - como das Artes - principalmente Derdyk (2004) e Lowenfeld (1977). A pesquisa faz uma abordagem de cunho qualitativo, através de uma releitura dos registros de observações, dos planejamentos e do memorial do estágio em Educação Infantil. Ao refletir sobre o desenho infantil, buscando unir teoria e prática, busca-se observar nele uma pluralidade de possibilidades, que o caracterizam como um modo alternativo da criança de se colocar no mundo. Confirma-se o quanto é significativo promover com as crianças atividades que envolvam o desenho, pois elas contribuem muito para o desenvolvimento e a aprendizagem, assim como para as dimensões emocionais, expressivas e sociais da vida da criança.

Palavras-Chave: Educação Infantil, Desenho, Criança, Infância, Estágio

Sumário

1. INTRODUÇÃO	8
2. PROBLEMATIZAÇÃO E OBJETIVOS.....	8
2.1. Objetivo Geral.....	9
2.2. Objetivos Específicos.....	9
3. JUSTIFICATIVA	9
4. ASPECTOS METODOLÓGICOS E PERCURSO DA PESQUISA.....	10
5. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: A INFÂNCIA, A CRIANÇA E O DESENHO	11
5.1. Sobre a Infância, a Criança e o Desenho	11
5.2. Sobre o desenho e a Educação Infantil	15
6. O Foco e a Experiência do Estágio	17
6.1. O campo de estágio e as concepções orientadoras.....	18
6.2. Conhecendo o G5.....	20
6.3. Tornando-me professora por alguns dias: um foco no desenho das crianças.	21
6.4 Reflexões, Experiências e Aprendizagens Tecidas do Estágio Obrigatório e do TCC para os meus dias como Educadora.	27
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
REFERÊNCIAS.....	32

1. INTRODUÇÃO

No passado, de forma bem original, vários desenhos eram gravados nas paredes das cavernas. Mesmo sem conhecer a escrita, os primeiros seres humanos já buscavam se expressar criando imagens. Cada desenho era um símbolo que representava objetos ou acontecimentos, e assim iniciava-se uma forma de comunicação.

O desenho, até hoje, simboliza o primeiro registro que uma criança faz em um papel, e isso é uma de suas formas de comunicação e expressão. Nesse sentido pode-se dizer que

Seja no significado mágico que o desenho assumiu para o homem das cavernas, seja no desenvolvimento do desenho para a construção dos maquinários no início da era industrial, seja na função de comunicação que o desenho exerce na ilustração, na história em quadrinhos, o desenho reclama a sua autonomia e sua capacidade de abrangência como meio de comunicação, expressão e conhecimento. (DERDYCK, 1993, p. 29).

Meu interesse pelo assunto teve a oportunidade de se desenvolver durante o estágio obrigatório em Educação Infantil do Curso de Pedagogia da UFSC, que realizei com o grupo 5, no Núcleo de Educação Infantil Colônia Z11, em Florianópolis, no ano de 2014, sob a supervisão da professora Kátia Agostinho. Refletindo sobre esta experiência e de acordo com alguns estudiosos do tema, irei enfatizar o quanto é de grande importância o desenho das crianças.

2. PROBLEMATIZAÇÃO E OBJETIVOS

A linguagem do desenho é muito antiga e “permanente, sempre esteve presente desde os primórdios da humanidade. Atravessou fronteiras espaciais e temporais, e por ser tão simples, teimosamente acompanha a nossa aventura na terra” (DERDYK, 1993, p.10). Nas palavras da autora Edith Derdyk, compreendemos que o desenho faz parte da vida humana desde o começo dos tempos, sendo assim, transportou-se por diferentes caminhos ao longo da história e das transformações do ser humano

Hoje ele continua sendo a primeira manifestação gráfica da criança. Pois, como diz Derdyk (1993, p.64) “ao desenhar, a criança registra as suas marcas, suas alegrias, suas descobertas, suas fantasias e suas tristezas”, e desta forma, deixa transparecer o mundo à sua maneira.

A partir do meu estágio e do foco escolhido, refleti, como futura professora, sobre o quanto seria importante que a formação dos pedagogos permitisse uma compreensão mais aprofundada sobre o desenho infantil. Pois, ao longo da minha formação no Curso de Pedagogia, não houve possibilidade de maior aprofundamento do tema, apesar das disciplinas, estudos e trabalhos que tive oportunidade de fazer durante o curso. Por mais que tenham sido de grande importância, senti que para a minha futura formação pessoal como professora, seria necessário estudar e buscar mais sobre o tema, por isso resolvi dedicar o meu TCC a ele. Neste contexto, pretendo então compreender melhor qual a importância do desenho na vida das crianças pequenas, de modo a complementar a formação obtida no Curso de Pedagogia.

2.1. Objetivo Geral

Com base na experiência de um estágio em Educação Infantil, sistematizar referências que ampliem a compreensão da importância do desenho na vida das crianças pequenas, de modo a complementar e enriquecer a formação obtida no Curso de Pedagogia.

2.2. Objetivos Específicos

- Retomar uma experiência de estágio, aprofundando a reflexão sobre um aspecto que emergiu dele: a importância do desenho para as crianças pequenas;
- Conhecer melhor as ideias de estudiosos sobre o desenho infantil, que possam fundamentar práticas pedagógicas significativas na Educação Infantil;

3. JUSTIFICATIVA

O meu interesse pelo tema do desenho infantil surgiu através da observação de crianças, no estágio obrigatório de Educação Infantil, no ano de 2014, durante o período de minha formação acadêmica.

Devido ao convívio com um grupo de crianças, passei a observar o quanto elas gostavam de desenhar, e o quanto era significativo e prazeroso a professora da turma abrir espaço para essa prática, e deixar fluir sua magia. O desenho sempre esteve muito presente naquele grupo, e tudo que eu estava vivendo com eles se constituía em um novo aprendizado para mim. Eu, como estudante, tive acesso a muitos conteúdos no Curso de Pedagogia, mas o que eu estava vivendo ali na prática, em relação ao desenho, era algo novo, e muito importante para a minha

formação, pois eu não tinha até então um conhecimento mais profundo de muitas questões relacionadas à infância e às crianças, especificamente quanto à influência da arte e do desenho na formação delas.

Com o passar do tempo, fui me tornando mais reflexiva e mais encantada por este tema, e também mais crítica em relação aos trabalhos desenvolvidos com as crianças. Assim que iniciei meu pré-projeto para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), tive dúvidas sobre o que abordaria na minha pesquisa. Depois de muitas buscas, surgiu a possibilidade de ser orientada pela professora Gilka Girardello. Ao voltar no tempo, e destacar o que de certa forma foi significativo para a minha formação, voltei-me ao estágio de Educação Infantil, onde fui presenteada ao trabalhar este tema. Após as lembranças dessas aprendizagens, resolvi, junto com minha orientadora, dar continuidade a meus estudos sobre o desenho infantil, nesta pesquisa.

Dessa forma, busco refletir sobre o tema a partir da experiência do estágio, sistematizando referências para ampliar minha compreensão sobre a importância do desenho na vida das crianças pequenas, de modo a complementar a formação obtida no Curso de Pedagogia.

4. ASPECTOS METODOLÓGICOS E PERCURSO DA PESQUISA

Este trabalho é de cunho qualitativo. A pesquisa qualitativa, conforme Neves (1996) é caracterizada por tentar compreender os fenômenos do mundo social, valorizando sua singularidade e dentro de seu contexto, sendo que na maioria das vezes o pesquisador encontra-se no local onde recolhe seus dados.

Em certa medida, os métodos qualitativos se assemelham a procedimentos de interpretação dos fenômenos que empregamos no nosso dia a dia, que têm a mesma natureza dos dados que o pesquisador qualitativo emprega em sua pesquisa. Tanto em um como em outro caso, trata-se de dados simbólicos, situados em determinado contexto; revelam parte da realidade ao mesmo tempo em que escondem outra parte, (NEVES, 1996, p. 1).

Sendo assim, os processos de observação, registro e planejamento realizados durante o estágio foram de suma importância para a conclusão desta pesquisa, pois foi a partir dessas ferramentas de trabalho que busquei refletir sobre a ação pedagógica.

Com o objetivo de compreender melhor a importância do desenho na vida das crianças pequenas, de modo a complementar e enriquecer a formação obtida no Curso de Pedagogia, foi

realizada então uma pesquisa com base em cinco tipos de procedimentos metodológicos: observação, registro, análise documental, revisão bibliográfica e reflexão. O ponto de partida foi o memorial que eu havia escrito ao final do estágio obrigatório em Educação Infantil, e retomei também minhas anotações e meus registros da observação e da prática docente. A partir do foco no desenho infantil, procurei ampliar as minhas referências teóricas sobre o tema, com uma revisão bibliográfica sobre o desenho infantil. Procurei, por fim, fazer uma reflexão sobre todos esses documentos, em um diálogo entre as teorias e as práticas que observei e vivi no estágio.

Na observação inicial ao campo de estágio, uma referência importante foram as reflexões de Weffort (1996):

O olhar não se limita a registrar passivamente, mas realmente “executa”, isso é, reconstrói a realidade viva da obra, multiplicando as perspectivas, escolhendo os pontos de vista, dando maior relevo a certas linhas do que a outras, notando os tons e as relações, e os contrastes, e os relevos e as sombras, e as luzes, em suma, dirigindo, regulando e operando a visão. (WEFFORT, 1996, p. 31).

Quando retomei o tema desenho para a realização do TCC, senti a necessidade de voltar aos estudos feitos no curso de Pedagogia, em relação a alguns conceitos como infância e criança, que serão apresentados no subtítulo 5.1. Também nesse capítulo retomei e ampliei as referências sobre desenho infantil que já tinham me apoiado na redação do memorial. Com a contribuição e a reflexão a partir de alguns autores, busquei referenciar e expor minhas reflexões sobre os assuntos aqui apresentados.

A seguir, retomei a experiência do estágio obrigatório, sintetizando meu relato sobre o lugar, a instituição, e o grupo. Após fazer isso, resaltei o foco no tema do desenho, a partir do que foi trabalhado com as crianças, da experiência das vivências, de como me senti ao assumir o lugar como professora durante alguns dias e os fatores que mais me chamaram a atenção.

Por fim, reli novamente as teorias sobre o desenho e as observações de campo, procurando fazer relações entre elas, para que uma ajudasse a entender a outra, e assim, dar andamento às reflexões sobre o tema.

5. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: A INFÂNCIA, A CRIANÇA E O DESENHO

5.1. Sobre a Infância, a Criança e o Desenho

A infância não é uma experiência universal de qualquer duração fixa, mas é diferentemente construída, exprimindo as diferenças individuais relativas à inserção de gênero, classe, etnia e história. Distintas culturas, bem como as histórias individuais, constroem diferentes mundos da infância. (FRANKLIN, *apud* SARMENTO, 1997, p.5).

Como salienta Bob Franklin, a infância é construída, depende do lugar, da cultura, da classe, enfim. Ela vai ganhando forma através das gerações, dos conceitos, características e pensamentos que os povos atribuem a ela. Na sociedade, desde o passado até nos dias de hoje, tudo vem sendo transformado e implantado a partir da ação do homem, das interações entre as forças sociais e com a natureza.

Infância tem um significado genérico e, como qualquer outra fase da vida, esse significado é função das transformações sociais: toda sociedade tem seus sistemas de classes de idade e a cada uma delas é associado um sistema de status e de papel. (KUHLMANN, *apud* SARMENTO, 1997, p.13).

“A compreensão de infância nos dias de hoje” e em nossos contextos sociais e culturais “é bem diferente de alguns séculos atrás”. Assim, podemos “perceber grandes contrastes em relação ao sentimento de infância no decorrer dos tempos” (KRAMER, *apud* MAIA, 2012, p.118). Como observa Lopes (1996, p.82), o que hoje pode parecer uma deformidade, como a indiferença diante da criança pequena, há séculos atrás em alguns contextos era algo absolutamente normal. Por maior estranheza que nos cause hoje, como ela aponta, “a humanidade nem sempre viu a criança como um ser em particular, e por muito tempo ela era tratada como um adulto em miniatura”. (LOPES, 1996, p.82).

Mas, com a passagem do tempo, a infância e a criança foram ganhando espaço na sociedade, e sendo reconhecidas não era mais como uma *tabula rasa*, e sim um ser humano que estava crescendo e ganhando forma, que aprendia com os adultos ao seu redor, se comunicava e se expressava em consequência de suas vontades e desejos.

A maneira de perceber e de pensar a criança influi sobre suas condições de vida, sobre seu estatuto e sobre os comportamentos dos adultos em relação a ela. Em uma dada sociedade, as idéias e as imagens relativas à criança, por mais variadas que sejam, organizam-se em representações coletivas, que formam um sistema em níveis múltiplos. Uma linguagem ‘sobre’ criança é criada assim como uma linguagem ‘para’ a criança, já que imagens ideais e modelos lhe são propostos. (CHOMBART DE LAUWE, *apud* SARMENTO, 1997, p. 13).

Então, cabe a nós, professores, promovermos momentos que instiguem a criatividade e a expressão da criança, colocando em prática tudo que ela aprendeu até aquele momento, e assim, permitir que surjam dúvidas que a levem a novas descobertas.

A arte tem um papel muito importante no processo de constituição do ser criança. Ela é uma forma de expressão e de comunicação como as demais linguagens capaz de proporcionar momentos onde a criança pode criar e imaginar, se expressando com mais liberdade. Para Lowenfeld (1977), “a arte desempenha um papel vital na educação das crianças; porque desenhar, pintar ou construir uma escultura, ainda que tosca, constitui um complexo cognitivo em que a criança reúne diversos elementos de sua experiência, para formar um novo e significativo todo” (1977, p.23, *apud* LOPES, 1996 p.48).

Desde o passado mais distante a humanidade sentiu a necessidade de se comunicar, e assim expressar, seus pensamentos e sentimentos, e as pessoas devem ter feito isso de várias formas, e uma delas foi desenhando e pintando. (ZATZ, *apud*, SIMAS, 2011, p.22). E com os pequenos não é diferente, hoje a criança nasce e depois de poucos dias ou meses já é estimulada pelo conhecimento de materiais que deem cor, e também do papel, sendo ele áspero, liso, branco ou desenhado. O desenho é algo que com a tecnologia continua se transformando, sendo no computador, no celular ou numa simples folha branca, onde as formas são criadas e transformadas conforme a expressão e criatividade de cada um.

O desenho manifesta o desejo de representar, mas também, ele é, antes de qualquer coisa, “alegria, é curiosidade, é afirmação, é negação. Ao desenhar, a criança passa por um longo processo vivencial e existencial” (DERDYK, *apud* SIMAS, 2011, p.51). A criança, ao dizer e demonstrar seus desejos e sentimentos apresenta também sua capacidade e vontade de se expressar e interagir com outros: Se expressar através do desenho é deixar que essa aprendizagem contribua nas reflexões e escolhas do sujeito, pois o ato de desenhar exige poder de decisão.

O desenho é possessão, é revelação, ao desenhar nos apropriamos do objeto desenhado, revelando-o, o desenho responde a toda forma de estagnação criativa, deixando que a linha flua entre os sins e os não da sociedade (DERDYK, 1993, p.46).

Ao desenhar a criança expõe suas observações e reflexões, expondo assim, seus conhecimentos e suas vivências. A criança amplia seus horizontes quando desenha, escolhe os materiais que deem cor ao seu saber, e vida às suas transformações. O que vale destacar é o fato de que a criança desenha o que realmente deseja, sendo que “o desenho é para a criança uma

linguagem, como o gesto ou a fala” (MOREIRA, 1993, p.20). O desenho é uma viagem para o mundo da imaginação e da livre expressão, como declara Lourdes Atié, socióloga e especialista em educação infantil. "Assim como a brincadeira é a linguagem que a criança tem para se relacionar com o mundo, desenhar também é". (2012, p. 3).

A criança tem o poder de interagir com o desenho, movida pelo desejo da imaginação. O desenho infantil relata o mundo de cada criança, sua personalidade e suas características. Nos desenhos que as crianças expressam livremente suas fantasias e desejos, ou a partir de temas como de família ou amigos, elas criam abertura para o adulto, por meio de seus desenhos, saber o que se passa, sendo sentimentos bons ou ruins, que possam por sua vez, estar afetando seus dias e sua aprendizagem. Para V. Lowenfeld (1977, *apud* MAIA, 2012, p.124), “cada desenho reflete os sentimentos, a capacidade intelectual, o desenvolvimento físico, o envolvimento do criador, o gosto estético e até a evolução social da criança, como indivíduo”.

O desenho traduz muito do que a criança está querendo relatar, assim, Derdyk (1993, p. 10) afirma que “o desenho é o palco de suas encenações, a construção de seu universo particular”. “Moreira (*apud* SILVA, TAVARES, 2011, p.05), aponta que o desenho infantil é a marca da criança, pois antes de aprender a escrever, ela serve do desenho como escrita. Desenha para falar de seus medos, descobertas, alegrias e tristezas. No ato de desenhar percebe-se que os pensamentos e sentimentos caminham juntos”.

Entende-se por desenho o traço que a criança faz no papel ou qualquer superfície, e também a maneira como a criança concebe seu espaço de jogo com materiais de que dispõe, ou seja, a maneira como organiza as pedras e folhas ao redor do castelo de areia, ou como organiza as panelinhas, os pratos, as colheres na brincadeira de casinha, tornando-se uma possibilidade de conhecer a criança através de outra linguagem: o desenho de seu espaço lúdico (MOREIRA, *apud* SILVA, TAVARES, 2011, p.05).

Para Derdyk (1990, *apud* SILVA, TAVARES, 2011, p.4), “é a partir do desenho que a criança faz ligação entre ela mesma e o outro”. A criança é um ser global, mescla suas manifestações expressivas: “canta ao desenhar, pinta o corpo ao representar, dança enquanto canta, desenha enquanto ouve histórias, representa enquanto fala”. (DERDYK, 2003, *apud* SIMAS, 2011, p.51).

Gobbi (2014, p.152), por sua vez, destaca que o desenho “é compreendido [...] como um exercício cotidiano de vida em que desenhar pode prover a existência, a descoberta e a invenção de mundos”. Ela ressalta:

Ao desenhar, não apenas experimentamos o ato do desenho em si, como também a experiência de ver. Desenhar é de certa forma, ver. Materializar o que é visto com todos os sentidos e a partir das relações com o outro. Apropriar-se do outro, pelo lápis, caneta, giz, carvão independente da faixa etária de quem desenha (GOBBI, 2014, p.152).

Assim,

O desenho infantil insere-se entre as mais importantes formas de expressão simbólica das crianças. Desde logo, porque o desenho precede a comunicação escrita (na verdade, precede mesmo a comunicação oral, dado que os bebês rabiscam antes ainda de articularem as primeiras palavras). Depois, porque o desenho infantil, não sendo apenas a representação de uma realidade que lhe é exterior, transporta, no gesto que o inscreve, formas infantis de apreensão do mundo – no duplo sentido que esta expressão permite de “incorporação” pela criança da realidade externa e de “aprisionamento” do mundo pelo acto de inscrições-articuladas com as diferentes fases etárias e a diversidade cultural. Nesse sentido o desenho infantil comunica, e fá-lo dado que as imagens são evocativas e referenciais de modo distinto e para além do que a linguagem verbal pode fazer (SARMENTO, 2005, p. 370).

Com base em Brito (2009), dizemos que o desenho se apresenta de forma espontânea e evolui junto ao processo do desenvolvimento da criança. A criança expressa em seu desenho aquilo que ainda não consegue com outras linguagens, por exemplo, a fala ou a escrita.

No começo a criança se expressa através de rabiscos, e os rabiscos, conforme Derdyk (1989, *apud* SIMAS, 2011, p.13), “não são apenas atividades sensório-motoras. Os traços confusos no papel podem conter evidências do estado de desenvolvimento da criança, como também estarem ali pelo simples prazer da ação”.

No entanto, para a criança, não existe somente o desenho no papel, como relata Moreira (2009, *apud* SIMAS, 2011, p.41), “também faz parte do seu desenho a maneira como organiza as pedras e as folhas ao redor do castelo de areia ou como organiza as panelinhas, os pratos, as colheres na brincadeira da casinha.”.

5.2. Sobre o desenho e a Educação Infantil

A arte desempenha um papel de extrema importância na educação das crianças (LOWENFELD, 1977). Na educação das crianças, é importante considerar todas as possibilidades de aprendizagem, e o desenho se constitui como uma delas.

Gobbi (2014, p.155) relata que “A linguagem do desenho é um excelente meio para o desenvolvimento da expressão, do equilíbrio, da autoestima e autoconhecimento, além de um poderoso meio de integração social”.

O desenvolvimento do pensamento da criança está ligado à sua capacidade representativa, pois para que o pensamento aconteça é necessário que haja a capacidade de tornar presentes coisas ausentes, isto é, substituí-las por meio de palavras e imagens. A capacidade de desenhar também traz dimensões que se tornam prazerosas para a criança, como salienta Derdyk (1989, *apud* SIMAS, 2011, p.8):

A criança rabisca pelo prazer de rabiscar, de gesticular, de se aprimorar. O grafismo que daí surge é essencialmente motor, orgânico, biológico, rítmico. Quando o lápis escorrega pelo papel, as linhas surgem. Quando a mão para, as linhas não acontecem. Aparecem, desaparecem. A permanência da linha no papel se investe de magia e esta estimula sensorialmente a vontade de prolongar este prazer.

Segundo Gobbi (2014), o desenho pode enriquecer muito a educação:

O desenho pode ser caracterizado como um dispositivo pedagógico enriquecedor ao processo educativo, em que o professor possa utilizar o desenho como estratégia de enriquecimento dos saberes com a criança. O desenho como linguagem para a arte, para a ciência e para a técnica, é um instrumento de conhecimento, possuindo grande capacidade de abrangência como meio de comunicação e expressão (GOBBI, 2014, p. 154).

A autora enfatiza: “os desenhos apresentam marcantes e inventivas maneiras de expor diferentes assuntos que documentam o cotidiano” (GOBBI, 2014, p.153).

O desenho possibilita uma linguagem significativa ao mundo, portanto ele tem lugar importante na Educação Infantil, que, como a primeira etapa da Educação Básica, é espaço de promoção e apropriação das diversas formas de linguagens e expressões, sendo o desenho dotado de significados. (BRASIL, 1998).

O desenho permite que o professor venha conhecer a criança mais a fundo, e a sua maneira de entender e ler o mundo. Segundo Pillar (1996, p.111, *apud* SIMAS, p.31), "ao observarmos o desenho de uma criança, conseguimos aprender muito sobre o seu modo de pensar e de agir". Nós, professores, precisamos respeitar o tempo de cada criança, a maneira como sua obra evolui, porque cada criança tem um tempo e uma maneira de viver essa expressão.

Fernandes (2010, p.16) relata que "para um bom apreciador, um simples desenho pode se tornar muito mais que representação por meio do papel e lápis" como o exemplo de quadros e telas que são construídos por belíssimos pintores, cada qual tem o seu valor, que não é diferente do desenho de uma criança.

Assim, o (a) professor (a) tem o papel importante, e a responsabilidade de criar e oferecer espaços e estratégias que contribuam na ampliação de suas possibilidades de desenhar. Estabelecer mediações, organizações de espaços e materiais que desafiem e proporcionem à criança viver intensamente a experiência do desenhar em suas mais diversas dimensões.

O ato de desenhar envolve a atividade criadora; é através de atividades criadoras que a criança desenvolve sua própria liberdade e iniciativa, e, expressando-se como indivíduo reconhecerá esse mesmo direito nos outros, o que lhe permitirá apreciar e reconhecer as diferenças individuais (LOWENFELD, 1977 p.16).

Através do desenho dos meninos e das meninas, o(a) professor(a) vai descobrindo o ser criança em todas as suas feições. E de acordo com essa construção, vai se estabelecendo um laço a mais entre esses dois seres, a criança e o(a) professor(a).

6. O Foco e a Experiência do Estágio

O estágio foi realizado em meio a observações, registros, análises, acertos e erros, planejamentos e replanejamentos. A partir dessa realização, consigo agora aprofundar, como foco no desenho infantil, um pouco desta experiência de estar professora de educação infantil, que foi de grande importância para a minha formação.

Cito, abaixo, considerações que escrevi no memorial do estágio:

Durante esse contato com as crianças, percebi o quanto é importante um olhar sensível e atento, uma escuta demorada, atenta a seus gostos e desgostos, acompanhar suas descobertas, compartilhar as suas conquistas; se surpreender com as relações estabelecidas, com os gestos e expressões, com os infinitos atos de carinho; perceber seus sonhos, suas preferências, seus medos, angústias e alegrias. Pois foi apenas através destes requisitos que consegui contemplar o meu foco, observando um interesse maior do grupo relacionado aos desenhos. Através dos procedimentos da ação e das vivências com o grupo pude contemplar a paixão das crianças pelo desenho, e assim, escolher esta temática como foco para as minhas pesquisas. Ao aprofundar meus conhecimentos, com base em alguns autores que se debruçam sobre esta temática, entendi o quanto é de grande importância explorar e entender o desenho na vida das crianças. Percebi que o desenho permite à criança desenvolver o senso de observação, os mínimos detalhes, a diversidade de

cores, formas, texturas, e, também, entrar em contato com grande variedade de materiais, muitas vezes utilizados para realização de atividades artísticas, seja no ambiente educativo, ou fora dele. (SOUZA, 2014, p.69).

A experiência do Estágio Obrigatório é a oportunidade de refletirmos sobre os procedimentos que compõem a Educação Infantil, lembrando o que aprendemos através das teorias, e assim exercitar sua tradução na prática. Dele trouxe registros e reflexões sobre o vivenciado em minha atuação como professora.

Ao abordar a docência compartilhada, as experiências e as reflexões tecidas nesta experiência de atuar como professora do G5, senti o quanto é difícil ser professora, atendendo às crianças e suas vontades, perceber o que estão querendo, não apenas através das falas, mas sim, também, dos movimentos, olhares e gestos.

Compreendi a importância extrema do planejar e do replanejar, tendo a consciência de que o grupo não fará tudo que você deseja. Ser professora é ter paciência, criar e recriar experiências e aprendizados significativos para todos. Ser professora de Educação Infantil é estar sendo surpreendida constantemente pelas ações das crianças, é aprender a olhar, é se posicionar em um lugar de aprendizado constante, pensando e repensando nossa prática pedagógica, refletindo sobre o que já se sabe e sobre aquilo que ainda se pode aprender acerca da infância. (SOUZA, 2014, p.70)

Sobre isso, Lopes (1996) reflete:

Cabe ressaltar a importância do educador e seu papel de mediador na busca de novas formas de comunicação, de expressão, de construção de conhecimento e alteridade no espaço escolar. Na parceria entre educador e educando, somos desafiados constantemente a ultrapassar as limitações, a pesquisar novas alternativas e diferentes estratégias visando à construção de uma prática pedagógica consciente e sensível, atenta às particularidades de cada indivíduo, ao contexto, à história vivida e construída a cada encontro. Aceitando o desafio, transformando o nosso olhar para recuperar o encanto e o espanto de ver as possibilidades onde menos esperamos, podemos descobrir novos ângulos e dar outros sentidos ao cotidiano escolar (LOPES 1996, p.5).

6.1. O campo de estágio e as concepções orientadoras

A Educação Infantil se destaca como a primeira etapa da Educação Básica. É oferecida em creches e pré-escolas, que se caracterizam como instituições educacionais públicas e privadas, onde o cuidar e o educar devem ser indissociáveis. É importante compreender que, além das especificidades já conhecidas, o cuidar e o educar, há outras, tais como: o reconhecimento da profissão, a docência compartilhada, a singularidade do sujeito da educação infantil – crianças de zero a seis anos–, a necessidade de considerar a criança

como ponto de partida para a construção da proposta/intervenção pedagógica. (PEREIRA *et alli*, 2014, p.74).

Segundo Rocha e Ostetto (2008, p.104), a criança é “sujeito social de direitos, um ser completo em si mesmo, que pensa se expressa por meio de múltiplas linguagens, que produz cultura e é produzido numa cultura”.

No exercício da docência durante o estágio, tivemos um encontro com a realidade educativa, por meio do exercício das ferramentas da ação pedagógica, que são: observação, registro, planejamento, avaliação e documentação.

Deste modo, foi “necessário cultivar a sensibilidade do olhar”, como afirmam Rocha e Ostetto (2008) em uma postura de observar a criança em um todo, ou seja, exercitando o olhar de professora por meio da sensibilidade, a fim de perceber as manifestações tão sutis, que nos permitiram conhecer melhor os modos de ser e fazer das crianças. (SOUZA, 2014, p.48).

Com este Trabalho de Conclusão de Curso procuro explorar melhores aspectos ligados ao desenho infantil que emergiram da experiência do estágio, sintetizo a seguir a contextualização sobre o campo do estágio, o Núcleo de Desenvolvimento Infantil Colônia Z11, que já havia sido apresentada no memorial de estágio, realizado no semestre 2014/1, sob a supervisão da professora Kátia Agostinho.

O Núcleo de Educação Infantil (NEI) Colônia Z11 fica na comunidade da Barra da Lagoa, leste da Ilha de Florianópolis, próximo ao mar. A unidade tem uma infraestrutura grande, arejada e com bastante verde, que comporta em seus espaços 6 salas, do G2 ao G6; parque com banco de areia e casinha de boneca; espaço para horta; espaço ao ar livre para oficina com mesa na altura das crianças, secretaria, biblioteca, sala de professores, cozinha, um refeitório para as crianças, cujas mesas, pia e buffet são na altura das mesmas; sala de materiais de limpeza; espaço para oficinas, além de banheiros proporcionais ao tamanho das crianças e outro para uso dos adultos. O espaço do NEI é plano, sem obstáculo, amplo e com apoiadores que facilitam também a passagem de pessoas com deficiência. O NEI Z11 atende 235 crianças, cuja faixa etária varia de 4 meses a 6 anos de idade, contando com uma equipe de 39 profissionais, sendo 8 professoras com graduação e pós-graduação; É válido ressaltar que o NEI Z11 fica bem próximo da praia e do Projeto TAMAR, cuja missão é proteger as tartarugas marinhas do litoral do Brasil. Isto contribui para saídas frequentes das crianças para além da instituição, a fim de facilitar o contato das crianças com a natureza. Já em nossa primeira ida à unidade, fomos passear pelo bairro e pudemos perceber o contexto que nos cercaria naquele período de estágio e onde viviam as crianças. Passamos pela praia, pela beira do canal da Barra e pela avenida principal. Na beira do canal pudemos perceber os barcos pesqueiros, os pescadores, as redes de pesca e os inúmeros pontos de vendas de frutos do mar. A comunidade é basicamente formada por pescadores. O bairro é pequeno, em poucas ruas conseguimos conhecê-lo de uma forma bem panorâmica, porém a população

é numerosa, nota-se isso devido à presença de muitas casas e apartamentos dentro do mesmo terreno, já que a estrutura física/geográfica do local é limitada. Antes de nossa visita ao campo já tínhamos lido o Projeto Político Pedagógico (PPP) do NEI Colônia Z11. (PEREIRA *et alii*, 2014, p.7)

O PPP, construído coletivamente, tem como um de seus objetivos “Desenvolver um trabalho integrado com as crianças, famílias e educadores do N.E.I. Colônia Z11” (PPP, 2014, p. 8), e discorre sobre os projetos coletivos que envolvem todos do NEI Z11, como um projeto de educação ambiental, um projeto de brincadeiras dirigidas no parque, um projeto que objetiva a autonomia e a integração das crianças nos momentos das refeições, um projeto de acesso à literatura infantil e ainda um projeto que perpetua a prática popular da dança do boi de mamão.

6.2. Conhecendo o G5

Vivi a experiência do estágio com o G5, composto por 20 crianças, com idades de 03 a 05 anos, ao lado de uma professora efetiva do município de Florianópolis, que em sua prática pedagógica conta com a parceria da auxiliar de sala deste grupo, ambas com graduação em Pedagogia. Das 20 crianças, 12 eram meninas e 8 eram meninos.

O espaço da sala é amplo, com algumas prateleiras onde se localizam brinquedos e os materiais usados pelas professoras, e o banheiro é usado em conjunto com a outra turma. Na sala há apenas uma mesa, um pouco maior do que aquelas com que eu estava acostumada. Não há uma mesa exclusiva para os professores, que usam o trocador de fraldas como mesa para apoiarem as agendas e os demais materiais que serão usados em cada dia; as janelas são grandes, por onde as crianças têm a oportunidade de olhar para a rua. No chão existe uma manta bem colorida, onde as crianças sentam na “hora da roda”; perto de uma das janelas se localiza um cabide onde existem vários tipos de fantasias penduradas. Na parede há um espelho de bom tamanho à altura das crianças, e um quadro branco onde a liberdade flui, juntamente com canetas especiais que fazem toda a diferença ao ambiente no momento: “É hora de desenhar”. (SOUZA, 2014, p.50).

Na época em que realizamos o estágio, o grupo estava envolvido com o projeto "O Corpo Humano". A professora relatou que o projeto surgiu após ela solicitar que as crianças desenhassem cada uma o seu corpo, em uma folha. Antes disso, as professoras tinham pedido aos pais que mandassem uma foto, de casa, onde a criança aparecesse por inteiro. Na sala, cada criança recortou e colou na folha o seu próprio rosto, e assim as professoras pediram para o grupo que cada um completasse o desenho, representando, a partir da cabeça, o resto do seu corpo. Então neste momento a professora notou que as crianças não tinham uma percepção

muito clara de como eram seus corpos, e foi dessa descoberta, vinda da ação das próprias crianças, que ela decidiu, junto com a auxiliar, trabalhar com o que nesse momento era uma dúvida para as crianças. Essa experiência começou a me despertar a atenção para o tema do desenho entre aquelas crianças, que depois se tornou muito importante durante os dias do estágio.

6.3. Tornando-me professora por alguns dias: um foco no desenho das crianças.

Pode-se dizer que ser professora é ser a essência, pois foi através desta experiência de alguns dias e de momentos incríveis, que senti uma colisão de todos os sentimentos que existem no mundo. Mesmo eu já trabalhando no ramo como professora auxiliar, este momento foi um aprendizado a mais, um sonho consumado, onde procurei em minhas raízes a sabedoria necessária a uma futura pedagoga, colocando em ação tudo que tinha ouvido, visto e aprendido na teoria.

Trabalhar com aquele grupo me fez enxergar muitas coisas, desde os sentimentos mais valiosos, até os medos e dúvidas que pensei que nunca teriam respostas. No começo de tudo, em relação à primeira visita na instituição, os primeiros olhares estranhos, sorrisos de meia boca e até cochichos, me vi perdida, como se fosse o meu primeiro contato com este conjunto de elementos que move a educação.

Ao passar dos dias, tudo ia se encaixando como um enorme quebra-cabeça, fui conhecendo os profissionais e as crianças daquela maravilhosa instituição, e nisso me propondo a ajudar no que estava ao meu alcance. Após os primeiros contatos com a instituição terem se estabelecido, chegou aquele esperado momento, de conhecer a sala, as crianças e os profissionais que davam andamento ao projeto. Desde o primeiro momento já me senti aceita, pois o grupo 5 me recebeu muito bem, todos ficaram bem à vontade com a minha presença em sala, e isso tudo foi me ajudando e fortalecendo ainda mais o meu aprendizado como uma futura pedagoga.

Para planejar as vivências e atividades, em relação a rotinas, brincadeiras e aprendizados, primeiramente observei o grupo, e também busquei conhecimento do que estavam aprendendo aquele momento, ou seja, qual seria o projeto daquele grupo. Ao saber que eles estavam envolvidos com um projeto que estabelecia o conhecimento do Corpo Humano, minha primeira hipótese foi ajustar as minhas ideias em relação ao mesmo trabalho, buscando me sintonizar com o mesmo foco de aprendizagem que as professoras estavam desenvolvendo.

Mas, ao observar as crianças dia após dia, em suas atitudes, sentimentos e brincadeiras, me deparei com um grupo em que todos, a qualquer hora do dia, sendo momentos de brincadeiras ou não, tinham paixão por desenhar. Nisso, continuei a investigar aquele lado artístico que eles demonstravam todos os dias.

Como salienta Gobbi (2014, p. 16), desenhar é "como um exercício cotidiano de vida em que desenhar pode prover a existência, a descoberta e a invenção de mundos"

Ao observá-los desenhando, me deparei com uma vivência que todos tinham prazer em fazer; os desenhos ganhavam forma desde o primeiro momento em que eles chegavam ao NEI, até o último, quando era hora de ir para a casa. O grupo se expressava através do desenho, sempre que tinham vontade. Eles pediam uma folha à professora, pegavam por si mesmos os lápis de cor, giz de cera e canetinhas de hidrocor, e ficavam entregues, imaginando, pensando, construindo e reconstruindo seus mundos em uma folha de papel. Através das vivências e observações em sala, percebi a inteireza com que o grupo se envolvia com o desenho. Sempre que havia um tempo livre, quando eles pudessem brincar ou conversar entre si, a maioria do grupo pedia uma folha, onde expandiam suas ideias e imaginações. Após algumas vivências com o grupo, e a experiência de me tornar professora por uns dias, relato que a minha temática criou vida, através da minha entrega à observação. Ressalto e concluo que no início foi difícil fazer esse recorte, pois tudo que as crianças faziam, todos os seus movimentos, desde a chegada até a saída, me deixavam boba. Havia muito aprendizado naquele meio, e eu pensava comigo mesma: "eu preciso focar neles, depois preciso registrar, planejar e propor". Mas nos primeiros momentos eu me via perdida, talvez porque eles eram um grupo esperto, com certa autonomia, e tudo que eles faziam me deixava encantada. (SOUZA, 2014, p.54).

Após uma observação mais minuciosa, onde eu pude capturar, no meio de tantas características, o grande envolvimento do grupo com os traços feitos por vários lápis em folhas de papel, nasceu de forma inusitada o meu importante e belíssimo tema de aprofundamento, ou seja, um olhar mais detido na compreensão do desenho das crianças, sua importância e presença na docência e no cotidiano da Educação Infantil.

Então, através da minha aproximação com o recorte do estudo, enfatizo o quanto é importante a observação, pois é com ela que nasce um maior conhecimento do trabalho pedagógico. O ato da observação é indispensável a quem acompanha as relações, experiências e o desenvolvimento da criança, para valorizar suas manifestações, espontâneas ou não, em que se revelam saberes, desejos e intenções, sobre si mesmos e sobre o mundo. (SOUZA, 2014, p.55).

Assim,

Observar e escutar pressupõe ver as ações e realizações da(s) criança(s), ouvir

o que ela(s) diz (em) e registrar com suficiente detalhe de modo a poder ser compreensível e ter significado para outras pessoas que possam vir a ler. Olhar, ver e escutar crianças quando estão envolvidas em atividades sozinhas, com pares ou com o apoio de adultos torna possível obter descrições ricas sobre o que as crianças fazem e quais as suas potencialidades. Mais do que isso observar e escutar as crianças permite ver as suas ações e verbalizações a partir da sua própria perspectiva (COHEN, STERN E BALABAN, 1997, SZARKOWICZ, 2006, *apud*, BUSS-SIMÃO, 2012 p.06).

Ao ver as crianças todos os dias com uma folha e lápis de cores nas mãos, e em diálogo com a minha orientadora de estágio e com as professoras daquela sala, propus a elas trabalhar com o grupo sobre o desenho, pois, pelo que as crianças me demonstravam todos os dias, esse seria o foco, e a magia que pulsava neles ao chegarem naquele ambiente educativo.

A partir disso, comecei a preparar meus momentos com grupo 5. Todos os dias do estágio, eu levava algo diferente, para que eles pudessem sentir e se apropriarem daqueles novos momentos. Através das observações, dos registros e da descoberta do meu foco em relação ao grupo, propus novas vivências a eles, para que explorasse ainda mais suas experiências com o desenhar, e assim pudessem enriquecer seus processos criativos.

Ao planejar minhas vivências com o grupo, pensei em experiências que favorecessem o desenho. Assim, para começar as experiências e vivências, primeiramente preparei o espaço da sala, com o intuito de ele ficar mais aconchegante e deixá-los bem à vontade. Para isso, usei dois panos e montei uma cabana, e no chão coloquei dois tapetes, puxei a mesa grande para mais perto, pois queria colocá-la debaixo da cabana, mas ao mesmo tempo de frente para o espelho, onde as imagens das crianças ficassem refletidas no espelho e eles conseguissem se ver.

Após isso, cada criança que ia chegando e entrava na sala notava que o espaço estava diferente, então falavam e cochichavam entre si, perguntando o que era aquilo, e outros vinham e perguntavam pra mim: "Professora Karla, por que a sala está diferente, vai ter festa?" Eu respondia: "Não, pessoal, já explico a vocês!"

Assim que todos chegaram, sentei com eles em roda, conversamos sobre como foi o final de semana, e resaltei que eu seria a professora deles por alguns momentos. Como já havíamos conversado antes, a princípio todos se olhavam e ninguém falava nada. Então expliquei a eles que a nossa sala estava diferente, sim, e perguntei se eles haviam gostado. Uns disseram que sim, outros que "ficou diferente".

Neste momento, refleti sobre o quanto é importante proporcionar para as crianças um espaço diferente, que aguçe suas vontades e curiosidades,

permitindo assim novas experiências, que contagem ainda mais seus movimentos e suas aprendizagens. (SOUZA, 2014, p.61).

Segundo Lima (2001, p.16): “o espaço é muito importante para a criança pequena, pois muitas, das aprendizagens que ela realizará em seus primeiros anos de vida estão ligadas aos espaços disponíveis e/ou acessíveis a ela”.

Segui dizendo que iríamos fazer uma brincadeira, mas que seria em desenho, que eles estariam livres para sentarem ou se posicionarem onde quisessem, e que o espelho estaria disponível para eles se olharem, pois propus a eles que se desenhasssem do jeito que estavam se vendo. Então disponibilizei vários tipos, texturas e cores diferentes de folha, canetinhas, lápis de escrever e de cor, borrachas e giz de cera. Ao ver tudo isso,

[...] os olhinhos de todos brilhavam, estavam eufóricos, a vontade de explorar cada objeto pulsava dentro do peito. Foi nesse momento que escutei uma voz, dizendo: "*Prof, agente já pode desenhar?*" Era o Davi, com os olhos bem arregalados, sem nem saber por onde começar! Então falei: "*crianças, fiquem à vontade para explorarem tudo, imaginarem e desenharem como quiserem*". (SOUZA, 2014, p. 64).

Havia uma grande variedade de materiais para buscar atender aos diferentes interesses e ampliar as possibilidades de escolha. Como ressalta Jackson (2006), é importante que seja disponibilizada para as crianças uma ampla gama de objetos, para que possam explorar e descobrir, por elas mesmas e de modo espontâneo, a maneira como os objetos se comportam no espaço quando são manipulados por elas. Além disso, tais elementos precisam ser constantemente modificados para que se tornem sempre interessantes e atrativos às crianças.

Todos estavam bem entusiasmados com a atividade, uns se olhavam no espelho a toda hora, outros sentaram bem de frente, outros ficaram na mesa, pois o que aguçava mais sua curiosidade eram os materiais que estavam disponíveis. Assim todos foram fazendo seus desenhos, e vinham mostrar para nós, professoras, o que já tinham feito, mostravam para os amigos, utilizavam todos os materiais disponíveis.

Em relação a este momento, refleti sobre o quanto é importante explorar uma vivência diferente, em que todos aproveitem o espaço por conta própria. Outro fato que me chamou muita atenção foi o interesse que grande parte das crianças demonstrou em, primeiramente, explorar tudo aquilo que estava disponível: pegar, tocar, usufruir, levando o lápis de um lado para o outro no papel, enfim, mostrando um movimento de explorar todos os materiais. Nesse movimento, novos usos iam surgindo e sendo modificados, absolutamente todos os lápis, canetas, papéis tudo que havia ali naquele momento foi usado em prol dos desenhos. Isso

demonstra, como nos ensina Vigotski (1998), o quanto as ações das crianças surgem espontaneamente da própria descoberta, da exploração desses materiais e das experiências anteriores, e não somente pelo uso convencional que esses objetos ou elementos já têm atribuídos a si.

Compreendi que “a criança, ao desenhar, desenvolve a autoexpressão diante do mundo, opinando, criticando, sugerindo, através da utilização das cores, formas, tamanhos, símbolos, entre outros”. (SOUZA, 2014, p.63). Ajudaram-me as palavras de Sarmiento (2008, p.26), a partir de Matisse, para quem “o desenho das crianças é, afinal, o desenho de um mundo”:

Os olhos com que veem esse mundo têm a limpidez e a perturbação dos primeiros olhares; é por eles que descobrem objetos, nexos e sentidos que não é legítimo de modo nenhum menosprezar. O desenho das crianças capta, no gesto com que esse olhar primordial se transmuta em traço, uma parte da vida que não é visionável a partir de nenhum outro ponto de vista. Reter esse olhar, ouvir essa voz, contém a surpresa de (nos) descobrirmos na infinita continuidade da renovação da vida: ‘É preciso olhar toda a vida com os olhos das crianças’ (MATISSE, 1953, p. 62, *apud*, SARMENTO, 2008, p, 26).

Também,

[...] organizei com o grupo outra dinâmica onde o foco era o desenho. Convidei as crianças para fazermos um desenho no parque, onde elas desenhariam qual o brinquedo ou a brincadeira com que se divertiam mais. Ao chegarmos ao parque, algo me chamou a atenção: cada um do grupo pegou uma folha e as cores de lápis que cada um iria precisar para desenhar, e se dirigiram até o local que correspondia ao brinquedo de que eles mais gostavam. Muitos se posicionaram em cima do brinquedo, apoiaram a folha e desenharam exatamente ali. Nesse momento a escolha do local aconteceu de forma espontânea. Após desenharem e voltarmos à sala fizemos um mural na porta do banheiro. Elas mesmas, uma de cada vez, iam colando seus desenhos, de acordo com suas vontades. Outra experiência veio baseada no fato de que o grupo, além de gostar de desenhar, estava a todo o momento pedindo folhas de papel à professora. Propus então que construíssemos um caderno de desenho, que teria como objetivo organizar as produções das crianças, proporcionando ao grupo vivências que possibilitassem suas expressões através do desenho, explorando sua criatividade, imaginação, e ainda, potencializando o desenvolvimento físico, motor, emocional, intelectual, moral e social das crianças. (SOUZA, 2014, p.64).

Nesse caderno, ao qual eles teriam livre acesso, e que permaneceria no NEI até o final do ano, as professoras conseguiriam acompanhar o processo de criação de cada um, e colaborar com o mesmo.

O caderno (cada criança fez o seu) foi feito de diferentes tipos de folhas, capas, espirais, barbantes, fitas, adesivos e outros. Eu e as professoras da sala auxiliamos a todos. No momento

da proposição havia conversas, do tipo: “Ah eu quero as folhas coloridas; eu quero apenas folhas brancas; eu quero folhas azuis”. Havia ainda, gargalhadas, sorrisos, os olhos de cada um brilhavam, passeavam pela sala, com o intuito de mostrar para o amigo como o caderno estava ficando; uns pediam para cantarmos algumas músicas, enquanto confeccionávamos os cadernos. Assim que os cadernos estavam montados, as crianças estavam livres, poderiam desenhar o que quisessem, e também usar giz de cera, lápis de cor, lápis de escrever e canetinhas. Algumas se levantaram e foram em direção às prateleiras, pegando todos esses instrumentos e materiais para darem continuidade ao caderno. Nos rostos, muitas alegrias, elas conversavam entre si, dizendo o que iriam desenhar; como iriam pintar; se iriam pintar; com qual instrumento o desenho seria produzido, ou seja, lápis de cor, canetinha, etc.; uma verdadeira diversão. (SOUZA, 2014, p.65).

O grupo 5 era composto de crianças de muitas imaginações, que continham uma extrema sabedoria, e com grande paixão pelo desenho. Seus desenhos retratavam suas próprias brincadeiras, como: de casinha, papai e mamãe, super-heróis, além de salão de beleza, penteados. Havia uma brincadeira que aparecia com muita frequência no desenho do grupo, que era “brincando de médico” (mas médico de grávidas), tanto as meninas como os meninos ficavam grávidos todos os dias. Essa era uma das brincadeiras com que eles mais se identificavam e desenhavam, tinham paixão em transferir para o papel as situações daquela brincadeira, usavam vários lápis de cores e canetinhas, com o intuito de deixarem o desenho bem colorido, com o aspecto de vivo, do que realmente estavam vivenciando.

Vi que através do desenho os pequenos inventam, constroem e contam suas histórias, que terão, invariavelmente, representações de cenas e de pessoas da sua vida real. Um desenho tem vários significados, e na maioria das vezes, com um olhar mais atento, podemos perceber tanto coisas boas ou ruins, que possam estar ajudando ou atrapalhando a criança no seu desenvolvimento.

Derdyk (2004, *apud* SIMAS, 2011, p.10), relata que a criança se entrega por inteira a tudo que faz, e quando ela expressa no papel seus sentimentos, existe um pensar por trás do seu fazer, por trás de suas pequenas operações.

Lowenfeld (1977, p.47) ressalta que, “a criança possui suas próprias ideias, interpretações, representações e teorias sobre a produção da arte e o fazer artístico. A criança age de acordo com suas vontades e experiências, e isso reflete no seu dia a dia, como algo significativo para a mesma, e a partir disso, a criança tem o poder de se desenvolver de acordo com o seu tempo.

Assim, após as reflexões aqui feitas, podemos afirmar que é de grande importância o(a) professor(a) buscar promover para as crianças atividades que envolvam o desenho, pois o mesmo é significativo para todas as dimensões do desenvolvimento e da aprendizagem da criança, incluindo o expressivo, o emocional e o social. Como já mencionamos anteriormente, Derdyk (1990, *apud* SILVA, TAVARES, 2011, p.3) salienta: “A criança, ser global, mescla suas manifestações através do desenhar, pinta o corpo ao representar, dança enquanto canta, desenha enquanto ouve música, história, ela representa enquanto fala...”.

6.4 Reflexões, Experiências e Aprendizagens Tecidas do Estágio Obrigatório e do TCC para os meus dias como Educadora.

Saliento que através dos estudos feitos senti o quanto é forte a ligação da teoria com a prática, pois ao vivenciar hoje os meus dias como educadora, me dou conta do quanto foram de grande importância todos os aprendizados vividos no Estágio Obrigatório. Porque ao estar inserida nesse meio educativo, você se une ainda mais com as teorias, para assim conseguir desenvolver uma aprendizagem mais significativa para as crianças que naquele momento estão ao seu redor.

Um dos momentos que mais marcaram o meu estágio foram os procedimentos feitos por mim ao desvendar todo aquele aprendizado que eu estava vivendo, e tudo que eu recebia do grupo se tornava prazeroso, a cada dia mais. Então, com esta experiência do estágio, ligando com o TCC, e atribuindo essa vivência hoje nos meus dias, um dos procedimentos que eu aprendi foi a observação do grupo, cada olhar; o jeito com que as crianças se expressavam; o que falavam; o que sentiam; do que brincavam; suas alegrias, dúvidas e seus medos.

A observação é o primeiro procedimento que precisa ser feito por uma educadora, pois é assim que você consegue entender, descobrir e conhecer primeiramente o grupo em geral, e a partir disso, começar a prestar atenção nos detalhes de cada criança, e assim, ajudá-la no seu processo de aprendizagem, tanto da vida escolar, como no seu dia a dia.

O conhecimento que um professor desenvolve ao trabalhar com um grupo de crianças incorpora, necessariamente, elementos de, outros domínios de sua vida. E a observação, o professor pode constatar dados não apenas aspectos cognitivos – as dificuldades e as possibilidades de cada um – mas também dos aspectos afetivo e psicomotor, (MELCHIOR, 1999, p. 76).

Outro procedimento que fez e faz parte do meu dia a dia como professora são os registros sobre o grupo ou determinada criança: o registro é um elemento fundamental, pois ele ajuda em

relação à memória, para te prontificar sobre as coisas que ocorreram naquele determinado dia ou semana, pois podemos esquecer algo fundamental que aconteceu no processo com as crianças. Além disso, ele também retrata o processo da criança, do começo do ano para o final, ou seja, registra o que ela avançou ou regrediu. E permite analisar também o meu método e o meu jeito de ensinar o grupo ou aquela determinada criança, ver se os meus procedimentos estão sendo aceitos por eles, o que tem ajudado e atrapalhado, o que se pode melhorar, quais novos procedimentos posso estar alimentando e transferindo para o grupo. Os registros podem ser feitos através da escrita, no caso, o registro no diário, como em fotografias, gravações em vídeos e áudios, entre outros. Como relata Melchior (1999):

É necessário que o professor registre as observações realizadas durante todo o processo, para ter condições de ir redirecionado seu trabalho no sentido de ajudar os alunos a construir novos conhecimentos. Os registros de cada dia servirão de subsídios para o professor planejar o dia seguinte, (MELCHIOR, 1999, p.76).

Nesse período de vida acadêmica e de experiência de estágio, trazendo para a minha vida profissional hoje em dia, um dos procedimentos que foram e hoje ainda se tornam mais difíceis para eu exercer como educadora, é o planejar e replanejar as vivências, pois o meu olhar para o grupo é tão intenso, e são muitas as coisas que as crianças trazem todos os dias, como assuntos, brincadeiras, dúvidas, medos, há muita bagagem a ser descoberta e entendida. Elas aprendem muita coisa, e muito rápido, e com isso acabam trazendo muitos assuntos, conversas, de modo que fica difícil para um professor conseguir focar em algo, dar um privilégio maior para determinada coisa. E nesse momento é que entra a observação do dia a dia, os registros e diálogos com o grupo, para que, através destes aspectos e momentos contagiantes, você consiga planejar seus dias, buscando realmente o que as crianças estão interessadas em saber e aprender.

Planejar é essa atitude de traçar, projetar, programar, elaborar um roteiro para compreender uma viagem de conhecimento, de interação, de experiências múltiplas e significativas para/com o grupo de crianças. Planejamento pedagógico é atitude crítica do educador diante de seu trabalho docente. (OSTETTO, 2000, p.177).

Outro procedimento apreendido por mim na época de estágio e que hoje levo nos meus dias como educadora é a organização dos espaços, pois é fundamental um espaço diferente, que propicie o acolhimento e aconchegue o grupo ou a criança, provocando momentos e sentimentos diferentes que estimulem a sua aprendizagem. Conforme Galardini e Giovannini (2002, p. 118),

A qualidade e a organização do espaço e do tempo dentro do cenário educacional podem estimular a investigação, incentivar o desenvolvimento das capacidades de cada criança, ajudar a manter a concentração, fazê-la sentir-se parte integrante do ambiente e dar-lhe uma sensação de bem-estar.

A experiência do estágio obrigatório além de me proporcionar todos esses aprendizados, me deu a oportunidade de trazer este tema sobre o desenho das crianças para o meu TCC. E ao decorrer desta pesquisa observei, o quanto é necessário, buscarmos outros autores, conhecer outros pensamentos, para conseguirmos entender e formular nossas próprias reflexões. Refleti sobre o quanto é importante o olhar do professor em relação à criança, não apenas no seu processo educativo, mas, como também em sua vida familiar, na roda de amigos, em suas brincadeiras, alegrias e tristezas, considerando assim, toda a bagagem de aprendizado que caminha junto com ela.

Em meio à realização do TCC sobre o tema, e lendo alguns autores que contribuíram para os meus pensamentos e reflexões, me deparei com o quanto é importante e de grande significado o desenho na vida das crianças, porque elas se expressam por meio dele: seus sentimentos, sua angústia, raiva, felicidade. E nesse processo o olhar da professora para os desenhos é fundamental, assim ela vai conseguir desvendar aquilo que as crianças estão querendo expressar; E conhecendo o que as crianças estão querendo passar por meio do desenho, a professora vai conseguir melhor ajudá-las e acompanhá-las em seus processos.

Assim, é preciso que o professor proponha para as crianças momentos e vivências, que estimulem o desenho na vida das mesmas, pois a criança para tudo precisa de alguém que a ensine e a entenda, para, assim, ela criar e realizar suas vontades e desejos. E com o desenho não é diferente, a professora precisa interagir propondo mediações entre a criança e a artes, e de acordo com o que ela vai aprendendo, isso vai se refletindo no seu processo de aprendizagem.

A criança não nasce sabendo desenhar, que este conhecimento é construído a partir da sua relação direta com o objeto, assim são suas estruturas mentais que definem as suas possibilidades quanto à representação e interpretação do objeto. Desta forma a criança é o sujeito de seu processo, ela aprende a desenhar a partir de sua interação com o desenho (PILLAR, 1996, p. 05).

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir deste trabalho, tive o prazer de reviver a maravilhosa experiência do estágio obrigatório, e transformar este tema no meu TCC. Foi através desta experiência que compreendi o quanto as artes e especificamente o desenho é importante para a vida da criança, o quanto essa forma de expressão está presente em nosso dia a dia. Muitas vezes não a olhamos com cuidado, sem saber que esta construção, que a criança faz no papel, é uma preciosidade que sustenta a sua aprendizagem, e contribui, ainda mais, com suas dimensões emocionais, expressivas e sociais.

Nesse mundo de imaginação, sentimentos, curiosidades e dúvida, a criança interage com o desenho, pois os dois se unem estabelecendo uma ligação de cumplicidade e magia. A criança usa o desenho como fonte de expressão para se comunicar com ela mesma ou com o outro; transfere para o papel, através do lápis, caneta ou tinta: O que brinca? O que sente? O que a incomoda? O que a faz feliz? Todos os sentimentos possíveis.

A partir desta pesquisa, busquei responder, junto com vários autores, a pergunta inicial que serviu de base para o desenvolvimento desse trabalho: qual a importância do desenho na vida das crianças pequenas? As considerações feitas até aqui nos permitiram entender a grande relação que existe entre a formação humana, o desenho e a Educação infantil, e o quanto o desenho foi e continua sendo uma expressão das mais usadas na vida das pessoas.

Quanto ao estudo, destaco que foi de grande relevância conhecer as ideias dos grandes mestres que contemplam este assunto do desenho infantil, e nisso, construir uma ponte referente às práticas pedagógicas, e assim, talvez, melhorando ou buscando novas estratégias que possam ajudar tanto o olhar do(a) professor(a), como o da criança nesse meio.

Uma compreensão que chegou com esta pesquisa é a necessidade de discutir a possibilidade e efetivação de haver mais disciplinas específicas no Curso de Pedagogia, onde possamos ter este assunto mais aprofundado, pois, para nós pedagogos(as), é importante estarmos por dentro dos assuntos, que mais se refletem nas crianças, sendo um deles a expressão artística.

Por fim, ressalto o quanto os caminhos a serem trilhados são longos, embora devamos acreditar nas mudanças e em um futuro melhor para a educação. Mesmo não sendo fácil, precisamos ter força de vontade, e começar pela gente, os futuros pedagogos(as) de uma nova história. E assim, construirmos juntos uma instituição em que crianças, pais, professores e

comunidade possam conviver de maneira mais plena, e assim, consigam se expressar nas múltiplas linguagens, se tornando sujeitos de suas próprias histórias, seguindo em frente e buscando realmente as coisas que fazem sentido, e assim, ajudando o outro e a si mesmo.

REFERÊNCIAS

- BUSS-SIMÃO, Márcia. **Relações sociais em um contexto de educação infantil: um olhar sobre a dimensão corporal na perspectiva de crianças pequenas.** 2012. 312f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012
- BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil: conhecimento de mundo.** Secretaria da Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRITO Joaquim Pais de. (Org). **Catálogo da exposição – desenhar para ver: o encontro de Bárbara Assis Pacheco com as galerias da Amazônia.** Lisboa: Museu Nacional de Etnologia, 2009
- DERDYK, Edith. **Formas de pensar o desenho: desenvolvimento do grafismo infantil.** 3 ed. SP: Scipione, 2004
- FERNANDES, Josiane Acordi. **Produções Gráficas na Educação Infantil: Compreendendo o Grafismo da Criança como Desenho.** 44f. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso de Artes Visuais. Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, SC, 2010
- FLORIANÓPOLIS. Prefeitura Municipal de Florianópolis. Secretaria Municipal de Educação. **Projeto político Pedagógico do Núcleo de Educação Infantil Colônia Z-11.** Florianópolis, 2014.
- GALARDINI, Annalia; GIOVANNINI, Donatella. Pistóia: Elaborando um sistema dinâmico e aberto para atender às necessidades das crianças, das famílias e da comunidade. In: EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella. **Bambini: a abordagem italiana à educação infantil.** Porto Alegre: Artmed, 2002. p. 117-131.
- GOBBI, Márcia Aparecida. Mundos na ponta do lápis: desenhos de crianças pequenas ou de como estranhar o familiar quando o assunto é criação infantil. In: **Linhas Críticas.** Brasília, DF, v. 20, n. 41, p. 147-165, jan./abr. 2014.
- GOLDSCHMIED, Elinor; JACKSON Sonia. Educação de 0 a 3anos: **O atendimento em creche.** Porto Alegre: Artmed, 2006
- HORTA, Gabriela. **Desenhar Ajuda a Desenvolver Percepção, Emoção e Inteligência; Incentive as Crianças.** Revista UOL. São Paulo, 2012.
- LIMA, Elvira de Souza. **Como a criança pequena se desenvolve.** São Paulo: Sobradinho, 2001.
- LOPES, Ana Elisabete. **Foto-grafando: Sobre Arte-Educação e Educação Especial.** Rio de Janeiro, Dissertação de Mestrado, UERJ, 1996.
- LOWENFELD, Viktor; BRITTAIN, W. Lambert. **Desenvolvimento da capacidade criadora.** São Paulo: Mestre Jou, 1977.

MAIA, Janaina Nogueira. **Concepções de criança, infância e educação dos professores de Educação Infantil**. Campo Grande, 2012, p.135. Dissertação (Mestrado) Universidade Católica Dom Bosco.

MELCHIOR, Maria Celina. **Avaliação pedagógica: função e necessidade**. 2. ed Porto Alegre: Mercado Aberto, 1999, 150 p.

MOREIRA, Ana Angélica Albano. **O espaço do desenho: a educação do educador**. 8. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

NEVES, J. L. Pesquisa qualitativa: característica, usos e possibilidades. **Cadernos de Pesquisas em Administração**, v. 1, n3, 2º sem, 1996.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. Planejamento na Educação Infantil: mais que a atividade, a criança em foco. In: OSTETTO, Luciana E. (org). **Encontros e encantamentos: Partilhando experiências de estágios**. Campinas, SP: Papyrus, 2000, (p.175-200).

OSTETTO, Luciana. **Saberes e fazeres da formação de professores**. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2008.

PILLAR, Analice Dutra. **Desenho & escrita como sistema de representação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

PINTO, M.; SARMENTO, M.J.(coords.) **As crianças: contextos e identidades**. Braga: Universidade do Minho, 1997

ROCHA, E. A. C.; OSTETTO, L. E. O estágio na formação universitária de professores de educação infantil. In: SEARA, Izabel Christine et al (org.). **Práticas pedagógicas e estágios: diálogos com a cultura escolar**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2008, p.103-116.

SARMENTO, Manuel Jacinto (2005). Gerações e Alteridade: Interrogações a partir da Sociologia da Infância. **Educação & Sociedade**. (Dossiê Temático Sociologia da Infância: Pesquisas com Crianças). CEDES- Brasil, Vol. 26, nº 91: 361-378.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Sociologia da Infância: correntes e confluências. In SARMENTO, Manuel Jacinto; GOUVEA, Maria Cristina Soares de (orgs.). **Estudos da Infância: educação e práticas sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008

SILVA, Aline Aparecida; TAVARES, Helenice Maria. **O Desenho como Fator Primordial no Desenvolvimento Infantil**. Uberlândia, 2011, p.01-07.

SIMAS, Daiana Leão. **Riscos e Rabiscos: a contribuição do desenho infantil para a alfabetização**. 48f. 2011. Universidade do Estado da Bahia do Curso de Pedagogia, Salvador, 2011.

SOUZA, Karla Regina de. **Vivenciando e Compartilhando Experiências com o G5**. 26f. 2014. in PEREIRA et alii, Memorial do Estágio Obrigatório de Educação Infantil do Curso de Pedagogia. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2014.

WEFFORT, Madalena Freire (Org.). **Observação, registro, reflexão**. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996.

